

Domesticação de plantas e o manejo da floresta – Os parques medicinais nas Terras Indígenas do povo Huni Kuĩ no Acre

Domestication of Plants and Forest Management – The medicinal Parks in the Indigenous Lands of the Huni Kuĩ People in Acre

Maria Lucia Cereda Gomide¹

Renato Gavazzi²

DOI: <https://doi.org/10.20435/tellus.v26i55.1074>

Resumo: Este artigo analisa o surgimento dos parques medicinais nas Terras Indígenas Kaxinawá, na Amazônia Ocidental brasileira, Acre, destacando espaços próximos às aldeias onde os xamãs cultivam plantas medicinais e sagradas e realizam tratamentos xamânicos para a cura de enfermidades. A pesquisa qualitativa, de abordagem etnográfica, foi conduzida entre 2005 e 2019 nas Terras Indígenas Kaxinawá do Rio Jordão, Baixo Rio Jordão, Kaxinawá/Ashaninka do Rio Breu e Kaxinawá do Rio Humaitá, por meio de visitas de campo, observação participante, entrevistas orais, rodas de conversa, análise de relatórios, diários de Agentes Agroflorestais Indígenas e monografias de autores Huni Kuĩ, respeitando modos tradicionais de transmissão de conhecimento e princípios éticos de consentimento e preservação do sentido das narrativas. Os resultados mostram que os parques medicinais funcionam como espaços de revitalização cultural, manejo sustentável e inovação simbólica, integrando práticas xamânicas e agroflorestais e fortalecendo vínculos entre saúde, espiritualidade e floresta. Conclui-se que esses parques representam uma forma contemporânea de resistência e afirmação cultural dos Huni Kuĩ, reafirmando seus modos próprios de produzir conhecimento, cuidar da vida e gerir o território, ao mesmo tempo em que atualizam práticas ancestrais de manejo e cura na Amazônia indígena.

Palavras chave: parque medicinal; Huni Kuĩ; xamanismo; plantas medicinais; terras indígenas.

Abstract: This article analyzes the emergence of medicinal parks in the Kaxinawá Indigenous Lands in the western Brazilian Amazon, Acre, highlighting spaces

¹ Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Porto Velho, Rondônia, Brasil.

² Comissão Pró índio do Acre, Rio Branco, Acre, Brasil.

near villages where shamans cultivate medicinal and sacred plants and perform shamanic treatments for healing. The qualitative, ethnographic study was conducted between 2005 and 2019 in the Kaxinawá Indigenous Lands of Rio Jordão, Baixo Rio Jordão, Kaxinawá/Ashaninka of Rio Breu, and Kaxinawá of Rio Humaitá, through field visits, participant observation, oral interviews, discussion circles, analysis of reports, diaries of Indigenous Agroforestry Agents, and monographs by Huni Kuĩ authors, following traditional knowledge transmission practices and ethical principles of consent and preservation of the narratives' original meaning. The results show that medicinal parks function as spaces of cultural revitalization, sustainable management, and symbolic innovation, integrating shamanic and agroforestry practices and strengthening the links between health, spirituality, and the forest. It is concluded that these parks represent a contemporary form of cultural resistance and affirmation among the Huni Kuĩ, reaffirming their own ways of producing knowledge, caring for life, and managing territory, while updating ancestral practices of plant management and healing in the Amazon.

Keywords: medicinal park; Huni Kuĩ; shamanism; medicinal plants; indigenous lands.

1 INTRODUÇÃO

Ao longo de milênios, os povos amazônicos têm administrado os recursos florestais, manejando e transformando a natureza de maneira contínua e sofisticada. Por essa razão, as florestas da Amazônia não podem ser concebidas como áreas intocadas pelo ser humano. Ao longo do tempo, os povos indígenas desempenharam papel fundamental na gestão desses ambientes, contribuindo significativamente para a configuração atual dessas paisagens.

Quando a natureza é manipulada por sujeitos sociais, ela deixa de ser unicamente “natural” para se tornar também “cultural”. Passa a ser significada, o que implica uma transformação profunda na lógica do espaço — altera a percepção do território, convertendo-o em um lugar, uma terra de pertencimento (Barão, 2006, p. 196).

Nesse contexto, estudos recentes têm demonstrado que a Amazônia não se configura apenas como uma floresta natural, mas também como uma construção cultural. Deixa de ser concebida exclusivamente como natureza selvagem, uma vez que evidências indicam que numerosas paisagens, anteriormente consideradas “naturais” constituem, na verdade, “artefatos humanos” — produtos de atividades históricas e pré-históricas de sociedades que habitaram e transformaram a

região. Essa perspectiva científica é complementada pela experiência do agente agroflorestal que vivem na floresta, como expressa Paiva Kaxinawá (2024, p. 9):

As florestas são culturais, é onde nós vivemos e convivemos com as plantas, animais, pessoas e espíritos, e dentro dela também tem muitas histórias dos povos que vivem nela. Ao longo de muitos anos, nós, povo Huni Kuĩ, manejamos as florestas, plantamos nas florestas, fazemos também as florestas, e até agora nossa terra é quase toda coberta por floresta.

Geração após geração, os povos amazônicos, indígenas e tradicionais, vêm manejando as florestas de distintas formas. Conforme Alcorn (2005, p. 237), esses grupos frequentemente criam florestas antropogênicas complexas, apresentando uma diversidade superior à esperada de espécies nativas úteis, além de espécies introduzidas. Cleaver (1992, *apud* Diegues, 2008) destaca que tais práticas resultam na conformação de paisagens e ambientes profundamente transformados pela ação humana.

De acordo com Neves (2025, p. 79), está evidenciado que os povos indígenas do passado modificaram a natureza a tal ponto que a Amazônia deve ser reconhecida como um patrimônio biocultural e não apenas natural. Segundo Lui e Molina (2016, p. 213), com base na teoria do povoamento tardio — que estima cerca de 15 mil anos de ocupação humana nas Américas — aproximadamente 40% das florestas latino-americanas encontram-se em estágio de sucessão secundária em decorrência da pressão antrópica. Na Amazônia, cerca de 60% das florestas podem ter sido manejadas antes da colonização europeia.

Ainda segundo Neves (2025), mesmo sob estimativas conservadoras, os ancestrais indígenas habitam o território brasileiro há pelo menos 12 mil anos. Na Amazônia peruana, grupos como Jíbaro, Cansodchi, Arawak, Pano, Cahuapana, Tupi-Guarani, Huitoto, Ticuna, Quíchua e Bora possuem registros arqueológicos de ocupação datados de 2.000 a 3.000 anos a.C. (Herrera; Dall’Orso, 2000).

Esses longos períodos de ocupação possibilitam conceber a enorme diversidade de roçados e espécies vegetais manejadas, assim como os múltiplos deslocamentos para caça, pesca, coleta, trocas, conflitos e reconhecimento dos territórios. Dessa forma, as florestas não constituem meramente um cenário mas uma parte ativa da história e da vida dessas sociedades, sendo, como assevera Magalhães (2011, p. 78), o “resultado da interferência humana ao longo de milhares de anos”.

Na continuidade dessa tradição milenar, os povos indígenas do Acre, especialmente os Huni Kuĩ, mantêm o manejo da floresta há séculos. Recentemente, têm desenvolvido em suas comunidades os chamados parques medicinais, espaços organizados e cultivados com espécies de uso terapêutico resgatando e recriando saberes tradicionais.

Este artigo discute tais “novos” espaços a partir da compreensão de que o espaço geográfico se transforma em lugar quando apropriado por práticas sociais e simbólicas. Conforme afirmam Silva e Santos (2014, p. 61), o espaço “[...] configurado por porções do ambiente, frações de uma extensão de terra passíveis de serem transformadas em lugar mediante um trabalho motivado de uso, ocupação e, sobretudo, de significação social”.

A noção de lugar adotada neste estudo baseia-se em Tuan (1983, p. 4), para quem “Os lugares são centros aos quais atribuímos valor e onde são satisfeitas as necessidades biológicas de comida, água, descanso e procriação”.

2 METODOLOGIA

A pesquisa foi de caráter qualitativo, adotando abordagem de estudo de caso para compreender as práticas relacionadas aos parques medicinais Huni Kuĩ. Foram realizadas atividades de levantamento de campo e etnografia, incluindo observação participante, entrevistas e análise de registros documentais, com o objetivo de capturar as experiências e saberes dos pajés e dos Agentes Agrofloretais Indígenas (AAFI). Participaram do estudo pajés responsáveis pelos parques e AAFIs, cujos depoimentos e registros forneceram informações sobre o manejo, uso e ensino das plantas medicinais, complementados pelos diários de trabalho dos agentes e pelos cadernos de pesquisa dos pajés alfabetizados. A pesquisa ocorreu em aldeias das Terras Indígenas Kaxinawá do Baixo Rio Jordão, Rio Breu e Rio Humaitá, no Acre, ao longo de mais de vinte anos, envolvendo visitas de campo, observações empíricas e registros fotográficos.

Para a coleta de dados, foram utilizados diferentes instrumentos, incluindo entrevistas semiestruturadas com pajés, AAFIs e assessores, observação participante, registros de campo, documentos e pesquisas acadêmicas, além de fotografias dos parques e das atividades culturais, permitindo a triangulação das informações. Os dados foram analisados por meio de análise de conteúdo, para

identificar padrões e categorias relacionados à organização, manejo e simbolismo dos parques, e por interpretação etnográfica, que possibilitou compreender o significado cultural das práticas observadas, integrando perspectivas históricas e contemporâneas. A pesquisa também considerou referências bibliográficas e relatórios etnográficos, auxiliando na contextualização cultural e histórica das práticas agroflorestais e xamânicas dos Huni Kuĩ.

3 PARQUES MEDICINAIS, JARDIM DAS ERVAS

Em cada aldeia, nós temos que levantar um parquezinho, onde o pajé, o agente de saúde e a parteira vão plantar as espécies de medicina para fazer os tratamentos. Esse aí é o futuro que nós estamos pensando (Manuel Vandique Kaxinawá *apund* Muru, 2012, p. 61).

Nos últimos anos, surgiu nas Terras Indígenas Kaxinawá, localizadas no município de Jordão³, no Acre, um “novo” espaço dentro da floresta, denominado pelos próprios indígenas como parque medicinal.

Esses parques, geralmente situados próximos às aldeias, são áreas onde os xamãs cultivam diversas espécies de plantas medicinais e sagradas, com propriedades curativas e psicoativas, coletadas em diferentes pontos da floresta. Nesses espaços são realizados tratamentos voltados à cura de diversas enfermidades.

Os Huni Kuĩ são amplamente reconhecidos pelo vasto conhecimento e uso de plantas medicinais. Conforme destaca McCallum (1992, p. 23), eles “[...] atribuem uma importância significativa ao uso de plantas medicinais encontradas na floresta, os *ni pei dau*”. As formas de aplicação dessas plantas incluem banhos, sucos espremidos diretamente sobre feridas ou nos olhos, além do uso por via oral.

Para ilustrar a importância desses espaços na vida cotidiana, o depoimento a seguir de José Paiva Kaxinawá reforça o papel central do Parque Medicinal na preservação do conhecimento tradicional e na prática dos tratamentos de saúde:

*O Parque é um local onde está a nossa medicina plantada. Na minha aldeia, Verde Floresta tem o Parque Medicinal com o nome de **Īkāmati** onde o pajé, o agente de saúde, o professor, os alunos trabalham nele. No meio do Parque tem os caminhos limpos e os bancos pregados no meio do parque.*

³ Terra Indígena Kaxinawá do Rio Jordão, Terra Indígena Kaxinawá do Baixo Rio Jordão e Terra Indígena Kaxinawá do Seringal Independência.

Quando as pessoas chegam para fazer a cura de tratamento, ou algum problema de saúde, doença física ou espiritual temos que falar com o pajé. O paciente fica sentado no banco e fica falando, e o pajé perguntado o que está sentindo. Se tem problema, depois faz o manejo de cada espécie de medicina, tirando 2 ou 3 folhas e aí faz o tratamento. Naquela época do tempo atrás, nós não tínhamos o nosso próprio Parque plantado com as medicinas localizado dentro da floresta. Hoje temos a medicina plantada perto de casa para facilitar alguns problemas na comunidade. O parque é importante para nós Huni Kuĩ para não se perder e nem esquecer o nosso remédio. Por isso que temos o Parque para ensinar os alunos a conhecer a nossa cultura tradicional dos Huni Kuĩ (AAFI José Rodrigues Paiva Kaxinawá apud Gavazzi⁴).

Os parques medicinais também constituem espaços destinados ao entretenimento, ao descanso, às reuniões, ao estudo e à pesquisa. Em muitos desses parques há um local denominado “praça” onde os indígenas organizam troncos dispostos em formato quadrado, que funcionam como bancos. Nesse ambiente permanecem sentados por longos períodos conversando, fumando e consumindo rapé na companhia de amigos e parentes.

Diversos parques apresentam árvores de grande porte, como a samaúma⁵, o cumaru e outras espécies, cujos troncos são frequentemente adornados com pinturas que retratam histórias mitológicas. Nessas narrativas homens e animais transformam-se em plantas medicinais. Também são representadas entidades espirituais, tais como Yushã Kuru a mulher que revelou as medicinas da floresta aos Huni Kuĩ, a rainha da floresta, além de outras figuras relacionadas às plantas medicinais.

Segundo a tradição dos Huni Kuĩ houve um período em que não existiam remédios para o tratamento de doenças. Naquele tempo, uma mulher chamada Mukani Inani Kake questionou se alguém estaria disposto a se transformar em erva medicinal para auxiliar na cura das pessoas. Alguns aceitaram, enquanto outros recusaram. Conforme relata Damião Kaxinawa (2010)⁶, “Yushã Kuru, a mulher

⁴ GAVAZZI, Renato Antonio. Relatório do XXI Curso de Formação de Agentes Agroflorestais Indígenas do Acre. Programa de Gestão Territorial e Ambiental, Comissão Pró-Índio do Acre, Rio Branco, Mimeografado.

⁵ Para os Huni Kuĩ a samaúma é habitada por fortes *yuxin* (espíritos).

⁶ Vanderlon Pinheiro Damião Kaxinawá em Monografia de conclusão do Curso de Agente Agroflorestal Indígena – Ensino Médio Profissionalizante. Escola Centro de Formação dos Povos

mais velha do povo disse que podia transformar um por um, decorando os nomes de cada um que fosse transformado em planta medicinal, e que poderia tratar as doenças combinando com outras plantas”.

Entre as diversas funções atribuídas aos remédios tradicionais destacam-se aqueles voltados para a cura e proteção contra diferentes adversidades do cotidiano. Como explica o agente de saúde Sálvio Barbosa Huni Kuĩ há uma ampla variedade de remédios da mata que atendem às necessidades da comunidade, conforme relatado:

[...] matar muitas caças. Para ser trabalhador. Para não pegar doença. Para ficar feliz da vida. Existe remédio que serve para não ser furado por espinho. Existe remédio para golpe. Existe remédio para a gente não errar os tiros. Existe remédio para atrair mulher. Existe também remédio para picada de cobra. Existe remédio para dor de dente. Existe remédio para a mulher ter filho. Existe para queimadura. Existe remédio para a mulher não ter mais filho. Existe remédio para a ferrada de arraia. Existe remédio para ferrada de escorpião (Sálvio Barbosa *apud* Ochoa; Iglesias, 2002, p. 157).

Para os Huni Kuĩ grande parte das enfermidades está associada aos espíritos dos animais. Dessa forma, a fim de identificar a origem da doença, o xamã observa atentamente as características dos sintomas manifestados pelo paciente e analisa seus sonhos, com especial atenção àqueles que envolvem algum animal, uma vez que é provável que a enfermidade esteja vinculada ao animal sonhado (Paranque, 2019).

As doenças vieram através do sangue da caça. Todas as nossas doenças estão relacionadas aos animais. Ainda hoje, eu estava falando com o meu filho, que também está fazendo essa pesquisa, e todas as nossas doenças nós curávamos porque estavam todas relacionadas às doenças dos animais. Então, até hoje ainda existem essas florestas em nome das ervas que pertencem às doenças diferenciadas; são milhares de doenças. A floresta ainda existe da mesma forma, e o pajé, quando descobriu as doenças, não tinha condições de tratá-las, e teve que transformar em ervas as pessoas de uma aldeia. Depois que ele entendeu, pensou: ‘Olha como é que nós vamos socorrer nossos povos se não transformarmos em ervas? Quem é que vai curar?’ Eu, como já descobri, vamos transformar em ervas e cada pessoa vai se dividir para curar as doenças das pessoas, porque as doenças estão

da Floresta. Comissão Pró-Índio do Acre – Programa de Gestão Territorial e Ambiental, Rio Branco, 2010.

relacionadas com o sangue das caças, aí se transformaram, e até hoje têm as ervas... (Agostinho Muru, Tavares, 2005).

Também aprendi que a vida vem da vida. Para fazermos a nossa vida, precisamos acabar ou tirar a vida das caças — grandes, médias e pequenas — que estão na floresta. Porque, para a gente comer, temos que caçar esses animais, mas cada um deles tem sua dieta própria. Não é todo tempo que podemos caçar e comer esses animais da floresta para nos alimentarmos. O mesmo acontece com os peixes dos rios, igarapés e lagos. Todas as caças e peixes que comemos têm suas dietas, e, se não fizermos as dietas, a pessoa adocece (Tuĩ, 2010, p. 4).

A cura não é realizada exclusivamente pelo xamã que atua em colaboração com os espíritos aliados com os quais estabelece contato. Por meio da utilização do rapé, da ingestão de *nixi pae* (*ayahuasca*) ou de outras substâncias, o xamã se prepara para diagnosticar a origem do sofrimento do paciente (McCallum, 1992, p. 20). Conforme ressalta Lagrou, para os Huni Kuĩ, a doença não decorre de uma única causa; ela pode estar associada também à alimentação consumida e aos odores inalados pelo indivíduo.

Estar doente significa estar em um estado transformativo de perda do ‘eu’, adquirindo alteridade. A doença não é produzida por uma única causa, mas por uma combinação de forças internas e externas. As forças predatórias provenientes do exterior tornam-se ativas dentro de uma pessoa por meio da comida ingerida ou dos odores inalados. Podem entrar, também, quando uma pessoa se encontra em um estado emocional vulnerável, quando se sente triste ou só. O processo de se tornar outro é complexo e quase sempre reversível. Alguém deixa de ser um ‘verdadeiro’ Kaxinawa por não residir mais em uma aldeia, por viver muito tempo em lugares diversos, o que resulta na aquisição de um corpo diferente e, através dessa diferença corporal, em uma diferenciação também dos sentimentos, pensamentos, valores e memórias. Ser propriamente humano, portanto, no sentido kaxinawá, significa viver em comunidade com os parentes próximos (Lagrou, 2002, p. 32).

O idealizador do Parque Medicinal — espaço considerado como “onde mora nosso povo ancestral” em referência às famílias de ervas nas quais as pessoas se “transformam” (Muru, 2012, p. 8) foi Agostinho Muru, pajé e antigo líder dos Huni Kuĩ do Jordão. De acordo com Agostinho, o Parque Medicinal foi criado a partir da sua preocupação em conservar as plantas medicinais e preservar as práticas tradicionais de cura dos Huni Kuĩ.

Eu tenho um parque Muru, ali encostado no Kupixawa, que os meninos fizeram, e eu quero organizar tudo: ver quantas mudas de ervas estão faltando para poder começar a plantar ali perto, porque ali é a nossa farmacinha. Vai ser a farmácia dos índios, principalmente para curar as doenças que os Huni Kuĩ tinham de contato com os brancos. Agora já está um pouco difícil tratar essas doenças, que vieram contaminadas pelos brancos, e que a gente está começando a estudar agora. Eu sou velho, tenho pouco estudo sobre esse trabalho. Então, é algo que a cada dia, a cada tempo, a cada hora, a gente vai tendo mais experiência, mais conhecimento, e também entendendo um pouco melhor como dar valor à nossa terra. Antigamente, ninguém tinha nada; a gente vivia na escravidão. Hoje, temos essa novidade pela qual tanto lutamos: conseguimos esse pedacinho de terra. Agora, queremos entender o que tem de valor dentro da nossa área, como vamos organizar e utilizar essa riqueza que temos dentro da nossa floresta. Quem vai descobrir, de onde vai vir para ensinar para nós? Somos nós que nascemos aqui, crescemos e estamos começando a organizar. Por isso, fico muito preocupado com os jovens: quando eles vão colocar roçado, abrir caminho e fazer outras coisas, estão matando muitas ervas medicinais. Por precaução, estamos proibindo que só o pajé vá na frente, para não cortar as ervas mais importantes, que são mais difíceis de encontrar. Algumas ervas estão ficando raras, outras a gente vê em todos os cantos. Então, acho que esse trabalho que está acontecendo é muito importante. Eu vejo que precisamos deixar bem claro para vocês o que estamos fazendo, o que estamos pensando para o futuro, para preservar tudo isso para os nossos filhos, filhas, netos e netas. (Depoimento Agostinho Manduca Muru Kaxinawá, 2005).

Atualmente, quase todas as comunidades das Terras Indígenas do Jordão possuem seu próprio parque medicinal, e essa ideia se expandiu para outras Terras Indígenas Kaxinawá⁷, que também criaram seus respectivos parques. Cada parque recebe um nome, como Espírito da Floresta (*Sesse Enaya*), Fundo Segredo (*Dua Arubena Ranu Bunati*), Coração Medicinal (*Dua Buse*), *Nixi Pae*, *Ika Muru*, *Huã Karu Yuxibu*, Lua Branca e Céu das Estrelas. A nomeação dos parques medicinais, seja em língua indígena ou em português, constitui uma forma de “impregná-los de cultura e de poder” (Claval, 2007, p. 202), remetendo ao conceito de domesticação do espaço. Nesse contexto, a domesticação do espaço refere-se ao “processo que transforma o espaço em lugar por meio da atribuição de nomes” (Marchese, 2012, p. 263).

⁷ TIs Kaxinawá do Rio Humaitá, Kaxinawá/Ashaninka do Rio Breu.

Cada parque apresenta características singulares. Por exemplo, na aldeia São Joaquim, na Terra Indígena Kaxinawá do Baixo Rio Jordão, o parque medicinal dispõe de uma pequena casinha que funciona como consultório, local onde o pajé Agostinho realiza tratamentos para diversas enfermidades. No interior dessa casinha, há um altar com uma cruz grande de madeira e outra menor, sobre a qual está posicionada uma galinha de plástico. Na cruz maior encontram-se um relógio, fotos e imagens de santos, uma peça artesanal representando o sol, um terço e um maracá. No chão, próximo à cruz, estão dispostas plantas naturais e de plástico, uma garrafa PET contendo ayahuasca e uma placa com o nome do parque: Fundo Segredo.

Figura 1 – Consultório onde o pajé Agostinho realiza suas atividades xamanísticas e altar no interior da casa



Fonte: elaborada por Giulia Pedone, 2007

Na aldeia Japinim, localizada na Terra Indígena Kaxinawá Ashaninka do Rio Breu, o pajé Félix com o apoio de membros da comunidade construiu em 2009, no interior do Parque Medicinal, uma pequena cabana de palha destinada à produção e comercialização de um produto medicinal conhecido na região como garrafada⁸. Nesse mesmo parque, Félix cultivava diversas espécies frutíferas, seguindo as

⁸ É muito comum no norte e nordeste brasileiro a garrafada, uma reunião de várias ervas, raízes ou casca de pau, deixada em fusão no álcool que serve para várias curas.

orientações do Agente Agroflorestal Indígena (AAFI). É comum que os pajés atuem em parceria com agentes agroflorestais, agentes de saúde, professores e parteiras.

Félix mantinha um caderno com anotações detalhadas acerca das plantas medicinais cultivadas e manejadas, bem como registros de alguns casos de cura realizados por meio dos tratamentos que aplicava. Conforme relato do assessor da CPI-Acre, Adriano Dias (2009, p. 41)⁹, “Félix me apresentou uma lista com 360 espécies introduzidas e manejadas nesse lugar, além de manter um caderno onde registra o levantamento das espécies e seus usos específicos.”

É frequente que pajés letrados registrem em seus cadernos de pesquisa a identificação das plantas, o número de espécies cultivadas e manejadas em seus parques e, em alguns casos, detalhes sobre os tratamentos realizados e o nome dos pacientes. Esses registros, elaborados em pequenos cadernos, “passam a obedecer a outros mecanismos textuais próprios da linguagem escrita, até então ausentes do saber indígena e de suas práticas comunicativas orais” (Monte, 1996, p. 73).

Outra característica desses parques é a presença de esculturas de madeira produzidas pelos Agentes agroflorestais indígenas, que representam personagens da mitologia indígena.

Figura 2 – Pajé Felix no seu parque medicinal e terra indígena Kaxinawa Ashaninka do Rio Breu



Fonte: elaborada por Paula Romualdo, 2019.

⁹ Relatório de viagem de assessoria à Terra Indígena Kaxinawá/Ashaninka do Rio Breu de Adriano Dias para o Programa de Gestão Territorial e Ambiental. Comissão Pró-Índio do Acre, Rio Branco, 2009. Mimeo.

Segundo Romualdo (2019), o parque medicinal do pajé Félix denomina-se *Huãkaru Yuxibu* (Espírito do Mulateiro Branco). Nesse espaço, o pajé e seu filho Crialdo Pedro realizam atendimentos a pessoas com problemas de saúde. O parque dispõe de um laboratório para a produção de chás medicinais, como o *nixi pae*, e de um chá considerado milagroso, elaborado com cascas de aguano. “Em um quarto do consultório, o pajé coleciona diversos livros de pesquisa sobre medicina e outros temas. [...] Possui uma vasta coleção de levantamentos medicinais que subsidiam seus diários de pesquisa”. Félix também cultiva plantas específicas para o tratamento de picadas de cobra e para o preparo do *nixi pae*, bebida ritual resultante da mistura do caule do cipó (*Banisteriopsis caapi*) com outras folhas da floresta, como chacrona, jarina e casca de mulateiro.

Para os Huni Kuĩ o ritual do *nixi pae* constitui um dos elementos culturais mais significativos. Conforme ressalta o professor Huni Kuĩ Isaías Ibã, “[...] a gente não pode tomar cipó de qualquer jeito. Só quando há muita precisão. Só quando queremos entender os trabalhos, quando um parente está doente, tomamos para identificar a doença e a medicina adequada” (Maia, 2007, p. 12).

O que eu tenho mais pertinho no meu centro de pesquisa é o remédio para cobra. Quando a cobra morde na boquinha da noite, eu já tenho o remédio guardado. Tenho 41 plantas para remédio de cobra — aqui uma, ali outra, ali... Tenho seis espécies de cipó para *nixi pae*; cada tipo tem uma miragem diferente (Félix *apud* Romualdo, 2019, p. 107).

Alguns Agentes Agroflorestais Indígenas (AAFI) promovem visitas dos alunos das escolas aos parques medicinais, proporcionando o aprendizado sobre as plantas cultivadas nesses espaços. Os pajés ministram aulas aos jovens acerca do uso e manejo dessas plantas, enquanto os AAFIs frequentemente realizam reuniões nesses locais. Contudo, nem todos os parques são acessíveis a crianças e adolescentes, uma vez que algumas plantas, consideradas “poderosas”, podem causar doenças ou até ser fatais ao serem tocadas ou mesmo ao se aproximar delas. Por essa razão, apenas os xamãs estão autorizados a manejar essas áreas específicas.

Essas práticas e experiências cotidianas nos parques medicinais são ilustradas pelos relatos dos próprios indígenas que evidenciam a importância desses espaços para a aprendizagem, o fortalecimento dos vínculos comunitários e a preservação dos saberes tradicionais.

[...] Às 3:00 horas da tarde, o nosso secretário dos povos indígenas, Virgulino Rodrigues Sales, convidou nós, os AAFIs, para ir ao Parque Centro **Sesse Enaya** para discutirmos informações sobre o nosso trabalho, pois chegou um novo companheiro para trabalhar como AAFI da aldeia Novo Lugar, na TI Baixo Rio Jordão. O nome dele é Valdemir Domingo Tuwe, tem 25 anos, e nos encontramos com 14 pessoas no parque. Então, o secretário Virgulino fez uma avaliação para o novo AAFI cantar duas músicas do **meka** e o hinário, e ele cantou apenas uma música do **meka** (Diário de trabalho do AAFI José Rodrigues Kaxinawá, TI Kaxinawá do Rio Jordão).

O parque Céu das Estrelas já envolveu mais alunos para conhecer, aprender e valorizar as plantas medicinais, principalmente o Huni. Nesse parque, são plantadas as espécies com as quais as pessoas mais novas podem mexer, porque há algumas plantas mais poderosas que os jovens, com pouco estudo, não podem manejar. As plantas medicinais têm primeiro, segundo e terceiro grau, que é o batismo — momento em que nasce o fortalecimento enquanto a pessoa cresce o *nisûn* e realiza curas, pois as plantas medicinais têm vida, assim como nós. As plantas medicinais são uma luz que brilha na floresta (Tuĩ, 2010, p. 10).

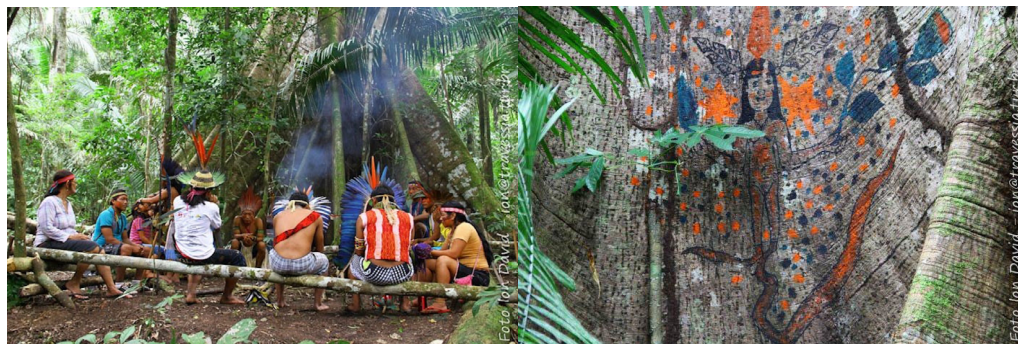
Uma observação relevante sobre esses novos espaços criados pelos indígenas foi feita pela indigenista Dedé Maia (comunicação pessoal). Ela destaca que, além de servirem para o tratamento de enfermidades, esses locais também funcionam como áreas de lazer. Como exemplo aponta o Parque da Samaúma Sagrada, situado na Aldeia Novo Futuro¹⁰, na Terra Indígena Kaxinawa do Rio Humaitá, reconhecido como um espaço de cura que utiliza medicinas tradicionais. Ao redor do parque os Agentes Agrofloretais Indígenas (AAFI) plantaram diversas espécies incluindo diferentes tipos de batatas medicinais e outras plantas curativas. Esse parque é também referido pelos AAFIs como uma “escola” para o estudo das medicinas (Gavazzi, 2012, p. 104).

Na aldeia existem três parques sendo que no Parque da Samaúma Sagrada, os Huni Kuĩ desenharam no tronco de uma samaúma a figura da rainha da floresta, que, segundo eles é responsável por comandar todos os trabalhos de cura realizados naquele local. Outra característica significativa é a destinação específica dos diversos gomos (sapopema) da samaúma: um gomo com desenho é reservado para meditação; outro, para consultas e diagnóstico de doenças; um terceiro é

¹⁰ Terra Indígena Kaxinawá do Rio Humaitá.

utilizado para a retirada da panema¹¹; e um quarto é destinado a banhos com ervas medicinais.

Figura 3 – Parque da Samaúma Sagrada e Rainha da Floresta desenhada no tronco da samaúma, no Parque Samaúma Sagrada



Fonte: elaborado por David Ion, 2012

Segundo Antônio Tuī (2010, p. 11-12), o parque foi construído em uma área mais afastada da aldeia sendo a entrada de pessoas externas proibida, por se tratar de “[...] um lugar especial, reservado para os trabalhos de pajelança, que envolvem o uso de *dare muka*, bebida de cipó, rapé, banhos medicinais e injeção de sapo (*kampô*)”.

Essas relações culturais com o espaço expressam diversas manifestações, tais como mitos, ritos, cultos e processos de socialização. Além disso, o trabalho e as técnicas indígenas marcam o espaço conforme suas necessidades e modos de produção impregnando-o de sua cultura (Costa, 1988).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O “movimento” dos Agentes Agroflorestais Indígenas (AAFI) do Acre, centrado na gestão territorial no manejo e na conservação dos recursos naturais e agroflorestais promove por meio de suas ações políticas, socioambientais, culturais e econômicas, o surgimento de novos espaços carregados de significados e representações. Nesses locais, o pajé também desempenha um papel significativo

¹¹ Panema significa, falta de ânimo, cansaço, má pontaria na caça, preguiça. Para evitar o panema os indígenas devem tomar vários cuidados.

atuando de forma complementar aos AAFIs, com ênfase no uso, manejo e conservação das plantas medicinais, além de preservar as práticas tradicionais do xamanismo.

Os parques medicinais constituem-se em verdadeiros marcos territoriais dos pajés contemporâneos valorizando suas práticas xamanísticas. Tais espaços podem ser compreendidos a partir do conceito de “pró-cultura”, conforme definido por Weber (2006, p. 121). Conceito que também se manifesta nas atividades escolares, nos festivais culturais, nas novas danças, nas casas decoradas com *kene* (desenhos geométricos), na *haux music*, na destilação e produção de óleos essenciais da floresta, nas massagens terapêuticas, na fabricação de móveis de cipó, nas esculturas de personagens mitológicos em madeira, nas artes plásticas do Movimento dos Artistas Huni Kuĩ (MAHKU), bem como na agrofloresta e na gestão territorial.

Além disso, os parques medicinais são espaços onde o xamã contribui para processos de semi-domesticação e domesticação das plantas medicinais e sagradas, prática que pode resultar em novas formas de melhoramento genético dessas espécies. Em colaboração com a comunidade, o xamã não apenas manipula as plantas e a floresta, mas também, os processos ecológicos assumindo o papel de gestor integral desses recursos.

Importa salientar que, embora os parques medicinais sejam considerados “novos” na cultura Huni Kuĩ, o conhecimento e domínio das práticas agrofloretais pelos povos indígenas remontam a tempos muito anteriores. A intervenção humana na paisagem amazônica e a criação desses parques resultam de práticas agrofloretais milenares que constituem parte fundamental da rica herança cultural dos Huni Kuĩ.

REFERÊNCIAS

ALCORN, Janice. Botânica econômica, conservação e desenvolvimento: qual é a conexão? In: SECCO, L.; APED (org.). *Gestão integrada e participativa de recursos naturais: conceitos, métodos e experiências*. Florianópolis: APED, 2005. p. 231-260.

BARÃO, Vanderlise Machado. “Mbyárekómeme é o lugar que a gente vive a nossa cultura”: o “lugar” como cultura material para os Guaraní do litoral sul. *Biblos*, Rio Grande, v. 20, p. 195-210, 2006.

CLAVAL, Paul. *A geografia cultural*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2007.

COSTA, Wanderley Messias da. *O Estado e as políticas territoriais no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1988.

DIEGUES, Antonio Carlos. *O mito moderno da natureza intocada*. 6. ed. São Paulo: Hucitec; NUPAUB/USP, 2008.

GAVAZZI, Renato Antonio *Agrofloresta e Cartografia Indígena: a gestão territorial e ambiental nas mãos dos Agentes Agroflorestais Indígenas do Acre*. 2012. Dissertação (Mestrado em Filosofia, Letras, e Ciências Humanas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Geografia, São Paulo, Universidade de São Paulo (USP), 2012.

HERRERA, Carlos Dávila; DALL'ORSO, Pablo Macera. In: PALAVIEJA, Lucia Garcia; LANDALT, Gredna; PARDO, Cecilia; VALENCIA, Leandro; VARÓN, Rafael (Org.). *El ojo verde: cosmovisiones amazónicas*. Lima: AIDSEP/Fundación Telefónica, 2000.

LAGROU, Elsje Maria. O que nos diz a arte Kaxinawá sobre a relação entre identidade e alteridade? *Mana*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 29-61, 2002.

LUI, Gabriel Henrique; MOLINA, Silvia Maria Guerra. Ocupação humana e transformação das paisagens na Amazônia brasileira. *Amazônica – Revista de Antropologia*, Belém, v. 1, n. 1, 2009.

MAGALHÃES, Marcos Pereira. A construção de territórios culturais pelas antigas sociedades amazônicas. *Amazônia: Ciência & Desenvolvimento*, Belém, v. 6, n. 12, p. 69-87, 2011.

MAIA, Dêde (Org.). *Huni Meka: cantos do nixi pae*. Rio Branco: CPI/Acre; OPIAC, 2007.

MARCHESE, Daniela. *Costruire territorio e far cultura: il caso degli indios Huni Kuĩ della Terra Indígena Kaxinawá Praia do Carapanã (Acre – Brasile)*. 2012. Tese (Doutorado em Letras e Filosofia) – Università degli Studi di Siena, Siena, 2012.

MCCALLUM, Cecilia. *Fábrica, farmácia e feitiço: doença e cura na vida e na história Huni Kuin*. London: London School of Economics, 1992. p. 1-34.

MONTE, Nietta Lindenberg. *Escolas da floresta: entre o passado oral e o presente letrado*. Rio de Janeiro: Multiletra, 1996.

MURU, Agostinho Manduca Mateus Inkamuru (Org.). *Una Hiwea*. Belo Horizonte: FALE/UFMG; Literaterras, 2012.

NEVES, Eduardo Góes. *Sob os tempos do equinócio: oito mil anos de história na Amazônia Central*. São Paulo: Ubu Editora, 2025.

OCHOA, David; IGLESIAS, Marcelo (Org.). *Caderno etnoambiental: território indígena e recursos naturais*. Rio Branco: (CPI/Acre), 2002.

PAIVA KAXINAWÁ, José Rodrigues. *Hi Xarabũ miyui tese haska xarabumis – História das árvores: cultura das florestas, Terra Indígena Kaxinawá do Rio Jordão*. Rio Branco: Associação do Movimento dos Agentes Agroflorestais Indígenas do Acre (AMAAIAC); Comissão Pró-Índio do Acre, Programa de Gestão Territorial e Ambiental, 2024.

PARANQUE, Audrey. *O povo Kaxinawá*. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Medicina Indígena Americana) – Sociedad Latinoamericana de Fitomedicina, Buenos Aires, 2019.

ROMUALDO, Paula Lima. *Relatório de viagem de assessoria à Terra Indígena Kaxinawá Ashaninka do Rio Breu*. Rio Branco: CPI/Acre; Programa de Gestão Territorial e Ambiental, 2019.

SILVA, Arlete Mendes; SANTOS, Rosselvelt José. O gigante dormente: o lugar nos trilhos da ferrovia Norte-sul. *Sociedade & Natureza*, Uberlândia, v. 26, n. 1, 2014.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983.

TUÍ, Antonio Ferreira. *Conservar e valorizar as medicinas tradicionais do povo Huni Kuĩ*. Monografia (Conclusão do Curso de Agentes Agroflorestais Indígenas – Ensino Médio Profissionalizante) – Escola Centro de Formação dos Povos da Floresta, Comissão Pró-Índio do Acre, Programa de Gestão Territorial e Ambiental, Rio Branco, 2010.

WEBER, Ingrid. *Um copo de cultura: os Huni Kuin (Kaxinawá) do rio Humaitá e a escola*. Rio Branco: NUTI; EDUFAC, 2006.

Sobre os autores:

Maria Lucia Cereda Gomide: Pós-doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia Física da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP) e pelo Departamento de Geografia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Doutora em Geografia Física e mestra em Geografia Humana pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP). Possui formação em Ilustração Científica Botânica, tendo participado de diversas exposições. Professora

do Departamento de Educação Intercultural da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Desenvolve pesquisas nas áreas de Geografia Humana e Educação Escolar Intercultural. E-mail: malugomide@yahoo.com.br, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5878-4800>

Renato Antonio Gavazzi: Mestre em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP), especialista em Agricultura Biodinâmica pelo Emerson College (Inglaterra) e graduado em Geografia. Indigenista, atua desde 1983 com povos indígenas no Brasil, Bolívia e Venezuela nas áreas de agricultura e formação de professores indígenas; desde 1990 integra a Comissão Pró-Índígena do Acre, onde é responsável pela conceitualização e coordenação pedagógica da formação de Agentes Agroflorestais Indígenas. Desenvolve pesquisas em geografia humana, cartografia indígena e agroflorestal. E-mail: regazzi31@yahoo.com.br, ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-5584-5170>

Recebido em: 10/10/2024

Aprovado para publicação em: 21/01/2026